

CONTEXTOS DE ENRAIZAMENTO  
E PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO COLECTIVA

Elementos para uma sociologia insular

por  
ROLANDO LIMA LALANDA GONÇALVES

*Introdução*

Ao propor neste trabalho uma abordagem fenomenológica e estrutural da realidade insular visamos contribuir, com alguns elementos, para a compreensão dos processos de identificação que caracterizam um sistema societal insular.

O alargamento desta problemática implica uma cada vez maior sistematização no quadro das diferentes disciplinas sociais e humanas; por isso elaborámos esta síntese provisória, a partir de alguns trabalhos de investigação sociológica realizados nos últimos anos na ilha de S. Miguel, como ponto de partida para ulteriores trabalhos no âmbito da sociologia insular.

1. *A abordagem fenomenológica e estrutural:  
princípios gerais*

Uma das características fundamentais da análise social reside no facto de o analista se encontrar em situação, imerso na teia de relações que constitui toda e qualquer

sociedade, e por isso mesmo implicado nos factos que pretende estudar.

Alfred Shutz reconhece a importância da intuição de Max Weber manifesta na construção ideal-típica, pela qual se acentua unilateralmente um ou vários pontos de vista, e se encadeia um conjunto complexo de fenómenos isolados, difusos e discretos, tendo em vista formar um quadro de pensamento homogéneo<sup>1</sup>. Porém, Shutz não deixa de assinalar em Weber a ausência de um ponto de vista filosófico seguro e de alcance geral capaz de fundamentar sistematicamente os seus resultados.

É exactamente esta fundamentação que Shutz irá procurar na reflexão fenomenológica. Assim retoma a questão da intersubjectividade que nas ciências sociais é colocada como facto mas que este julga dever ser fundamentado criticamente<sup>2</sup>. Nesta perspectiva, Shutz considera a vida social como um conjunto de comportamentos interrelacionados através de uma estrutura de consciência e mediados pela praxis ou acção.

Ao fundamentar as ciências sociais pela investigação do que caracteriza a própria sociologia, Shutz retoma os conceitos husserlianos de intencionalidade, de intersubjectividade e de *lebenswelt* (o mundo da vida) para aplicá-los sistematicamente. Assim, reconhecendo os limites de fundar as ciências sociais sobre as experiências do *ego transcendental* — dado que, sob um ponto de vista metodológico, se toma como ponto de partida o *ego*, em seguida as rela-

<sup>1</sup> Cf. Max WEBER, *Essais sur la théorie de la science*, Paris, Plon, 1965 e G. THINES e Agnès LEMPEREUR (Direcção), *Dicionário geral das ciências humanas*, Lisboa, Edições 70, 1984, p. 907.

<sup>2</sup> Cf. sobre a abordagem sociológica de Alfred SHUTZ: Helmut WAGNER (org.), *Fenomenologia e relações sociais, textos escolhidos de Alfred Shutz*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979; Creusa CAPALBO, *Metodologia das ciências sociais, a fenomenologia de Alfred Shutz*, Rio de Janeiro, Antares, 1979.

ções inter-individuais para finalmente se chegar à comunidade — Shutz estabelece uma diferença entre a estrutura do mundo social e a estrutura do mundo natural.

O estudo sociológico leva-nos à intersubjectividade mas, ao contrário de Husserl, esta não se funda numa fenomenologia transcendental, e sim numa fenomenologia voltada para a *atitude natural*. Para o *homem da atitude natural*, o mundo intersubjectivo das coisas em geral não pode ser conhecido por este e pelos seus semelhantes. O mesmo objecto aparece de uma forma diferenciada para cada um dos nossos semelhantes. Descobre-se por este facto a perspectiva do mundo social, e isto porque cada um se encontra numa situação particular que não é de outro nem do outro. O mundo aparece, assim, sob uma perspectiva determinada e o *ego* organiza-o por um sistema de coordenadas, na qual este é o centro, enquanto outrém procede da mesma maneira partilhando um mesmo ambiente. As trocas entre estes diferentes sistemas de coordenadas produzem, segundo Shutz, uma *idealização de pontos de vista*.

Assim, para Shutz o mundo da vida é intersubjectivo desde o início e as nossas acções são sociais dado que nos situam em relação aos outros. Este facto implica a construção dos modelos científicos que satisfaçam não somente a característica da intersubjectividade do objecto (o mundo da vida) mas também o abandono do ponto de vista subjectivo para um ponto de vista universal, o que implica a compatibilidade destes com a ciência e com o *mundo da vida*.

José Madureira Pinto colocou, recentemente<sup>3</sup>, este problema pretendendo estudar *a dimensão ideológica da sociedade em termos de produção, circulação e interpretação*

<sup>3</sup> José MADUREIRA PINTO, *Estruturas sociais e práticas ideais-simbólicas nos campos. Elementos de teoria e de pesquisa empírica*, Lisboa, Afrontamento, 1985.

*social de sentido* numa abordagem que supere o hiato por vezes existente entre as linguagens da teoria e da pesquisa empírica.

Esta questão foi sistematizada por Hubert Blalock que defende, como afirma Manuel Castells, «*a estrita necessidade de acoplar uma teoria de conjuntura (processual e substantiva) às leis estruturais sobre o social, em virtude destas serem incapazes, por si só, de restituir as situações concretas em toda a sua complexidade*»<sup>4</sup>.

Alex Mucchielli ao abordar as leis estruturais do social afirma que os diferentes estudos sobre esta realidade pelas diferentes disciplinas mostram a «*convergência [...] para os elementos fundamentais constitutivos de inconsciente estrutural genérico do humano*»<sup>5</sup>. De facto, as estruturas postas em evidência conduzem a antinomias, a interrogações, ou, sinteticamente, a problemáticas fundamentais. Com efeito, como Shutz havia já postulado, tudo se origina na constatação primordial de que a significação vem da diferença e que esta é uma relação<sup>6</sup>.

A análise fenomenológica e estrutural que nos propomos fazer situa-se num nível intermediário entre os fenómenos de superfície e o nível inconsciente arquétipico. É ao nível da problemática vivida pelos actores que se centra a análise, privilegiando, sob o ponto de vista metodológico, tanto o actor como um conjunto situacional impregnante.

## 2. Espaço insular e contextos de enraizamento

Para Fischer «*... as características da relação homem/ambiente põem em evidência o papel do espaço como organizador da realidade social. O conceito de espaço tem um*

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 17.

<sup>5</sup> Alex MUCCHIELLI, *L'analyse phénoménologique et structurale en sciences humaines*, Paris, P. U. F., 1983, p. 11.

<sup>6</sup> *Ibid.*

*valor antropológico não apenas como base de arranjos materiais mas também como estrutura de enraizamento humano. O espaço é de facto uma matriz da existência social*»<sup>7</sup>.

A relação sociedade/espaço insular coloca, sob o ponto de vista do actor, a questão da significação das *marcas* e das *zonas de relevância* espaciais vividas e partilhadas pelos grupos sociais. No fundo trata-se de saber até que ponto é que o espaço insular se torna elemento de problematização e de significação social.

Lucien Febvre procurou uma lei que marcasse os homens das sociedades insulares, vindo a constatar que apenas existe, nestes contextos, variedade e diversidade<sup>8</sup>, por isso concluiu: «*... é a ideia que os povos, que os grupos políticos pequenos ou grande fazem da sua situação geográfica que realmente conta*»<sup>9</sup>.

De facto outra conclusão, no âmbito da geografia, seria difícil atendendo à abordagem positiva que então se fez do facto insular. Por isso, as recentes investigações sobre esta temática têm encontrado na dimensão psico-sociológica um dos campos mais profundos, dado que é exactamente a diversidade e variedade de espaços insulares que permite a compreensão do significado intrínseco e extrínseco da realidade insular.

Definida como estrutura espacial objectiva, uma ilha é uma porção de terra rodeada de mar por todos os lados. Contudo, tal estrutura espacial não se torna socialmente

<sup>7</sup> Gustav Nicolas FISCHER, *Psychologie de l'espace*, Paris, P. U. F., 1981, p. 33.

<sup>8</sup> Lucien FEBVRE, *La terre et l'évolution humaine*, Paris, Albin Michel, 1970, pp. 225-226 e 245.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 245.

significativa senão em relação a um sujeito colectivo que o nomeia, o identifica, e o partilha socialmente<sup>10</sup>.

As principais características deste espaço residem no facto de possuir uma delimitação natural e não política ou social. As sociedades que se desenvolvem neste espaço só podem ter contactos com o exterior através da mediação de indivíduos e de grupos que utilizam para sair desse espaço meios de transporte vocacionados para superar o elemento líquido (mar, oceano, lago), o que implica uma ruptura comportamental. Finalmente, atendendo a que é através da dimensão espacial que uma sociedade começa a compreender-se como tal e a partilhar socialmente essa mesma identidade, a dimensão insular é tanto mais presente quanto mais pequena for a sua dimensão.

Abraham Moles demonstrou que a forma e a dimensão da ilha estão assim directamente ligadas à força do *contorno* — no sentido de *gestalt* — ou seja, à sua centralidade no campo da percepção<sup>11</sup>.

Como território, a ilha não é apenas definida pela natureza dos seus limites e pela sua dimensão reduzida, mas é também um ponto topológico definido por coordenadas geográficas. Esta situação geográfica implica uma distância em relação ao exterior, o que determina um tipo de percepção, atendendo ao facto de a distância organizar o campo topológico. É de facto em função desta estrutura proxémica que se estabelece a densidade de imagens, a importância dos acontecimentos, dos seres e das coisas, que decrescem; à medida que a sua percepção, sob o efeito da distância, esbate os contornos definidos pela vivência dos contextos particulares.

<sup>10</sup> Cf. a este propósito, entre outros, Abraham MOLES, *Labyrinthes du vécu. L'espace matière d'actions*, Paris, Librairie Méridiens, 1982, p. 48.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 48.

São estes contextos particulares inclusos no âmbito mais vasto da estrutura espacial insular que constituem os diferentes *locus* do sistema insular. Partimos por isso do princípio de que a impregnação nos diferentes *locus* por parte dos elementos estruturais da insularidade varia segundo o tipo de grupo ou de estrutura social, a própria dimensão da ilha, situação geográfica e sistema de comunicações com o exterior.

Nesta perspectiva, ao analisar, no âmbito da ilha de São Miguel, o comportamento social dos jovens (ensino preparatório) de uma freguesia rural (Ribeira Quente), pudemos constatar, pela análise da percepção do viver local, que estes aspiravam a profissões cuja realização dificilmente se concretizaria na própria freguesia<sup>12</sup>.

Assim, devido a podermos estar perante um facto isolado decorrente do contexto particular daquela freguesia, seleccionámos uma turma do ciclo preparatório da cidade de Ponta Delgada onde predominavam elementos provenientes da classe média<sup>12</sup>.

Sem entrarmos num inquérito extensivo, pretendemos apenas obter uma indicação acerca dos elementos centrais da vivência destes jovens e compreender em que medida se verificava uma interpenetração de elementos significativos do viver insular no quadro do seu viver local. A escolha de adolescentes de idades compreendidas entre os 10 e os 13 anos justifica-se pelo facto de, estando ainda em pleno processo de socialização, ser possível encontrar os elementos significativos colocados na formação da percepção do espaço enquanto contexto social quotidiano.

<sup>12</sup> Cf. Rolando LIMA LALANDA GONÇALVES, *Contribution à l'analyse de la dynamique socio-culturelle — Le village de Ribeira Quente*, Montpellier, Université Paul Valéry, Montpellier III, 1981 (policop.), e quadro anexo n.º 1 do presente artigo.

<sup>13</sup> Cf. quadro anexo n.º 2.

A partir da primeira questão («Gostas de viver na tua freguesia? Se sim, porquê?»), equacionou-se a problemática do contexto local. As respostas favoráveis justificaram-se segundo duas categorias: a primeira dizia respeito ao espaço propriamente dito onde predominam os elementos lúdicos (piscina, praia, etc.); a segunda referia-se à acção desenvolvida nesse quadro onde predomina a importância dos círculos de amizade que se instituem pelo jogo, etc.<sup>14</sup>.

Podemos afirmar que o espaço é assim percebido pela importância contextual da acção, e que nesta os traços afectivos se estruturam enquanto verdadeiro quadro de enraizamento.

Com efeito o jogo é um elemento essencial na integração dos modelos de comportamento institucionalizados, e, como podemos constatar pelas respostas às diferentes questões por nós colocadas, é pelo jogo, círculo de amizades e relações familiares que se articulam o espaço e o tempo da acção social<sup>15</sup>.

Neste contexto de enraizamento aparecem as aspirações profissionais, que se inscrevem num futuro imaginário cuja proximidade ou distância dependem das condições sociais objectivas de cada indivíduo interrogado. Contudo, é exactamente por se prolongarem num futuro que estes elementos se tornam significativos dos contextos sociais. Verifica-se, assim, que tanto no grupo rural (freguesia da Ribeira Quente) como no grupo urbano (São José - Ponta Delgada) existe uma grande homogeneidade de respostas onde se salienta a importância dada, por parte dos indivíduos do sexo masculino, à profissão de piloto de aviões<sup>16</sup>.

Esta homogeneidade é tanto mais importante quanto, apesar de uma maior diversidade social e maior capacidade económica dos agregados familiares a partir de meados

<sup>14</sup> Cf. quadro anexo n.º 3 I e II.

<sup>15</sup> Cf. quadros anexos n.ºs 3-I, 5-II e 14.

<sup>16</sup> Cf. quadro anexo n.º 4.

da década de 70, traduz um estado latente propiciador de correntes emigratórias, como, aliás, se constatou, dado que cerca de 60,9% do grupo interrogado afirmam desejar emigrar<sup>17</sup>. Como justificação para este facto aparece uma dominante afectiva traduzida numa dupla acepção: desejo de conhecer novos lugares e vontade de ir ter com parentes já emigrados, a qual aparece tanto no contexto urbano como no rural<sup>18</sup>.

Assim, como já tivemos ocasião de afirmar<sup>19</sup>, a emigração é um fenómeno social complexo e total que deriva de uma dinâmica social, económica e cultural. Esta não resulta apenas de factores económicos mas igualmente de uma estrutura de relação com o exterior, na qual a dimensão afectiva é fundamental para a compreensão dos fenómenos de identificação colectiva insular.

Por isso, utilizando o mesmo grupo de adolescentes do contexto urbano, testou-se e aplicou-se um teste projectivo reunindo numa figura os elementos essenciais de um quadro de partida de uma família para o exterior<sup>20</sup>. De facto, as estruturas de situação permitem definir vários níveis contextuais e de significado. Através da imagem proposta o adolescente identifica-se ou não com a estrutura da situação e descreve-a atribuindo aos diferentes elementos um significado particular.

<sup>17</sup> Cf. quadro anexo n.º 5-I e 5-II.

<sup>18</sup> Rolando LIMA LALANDA GONÇALVES, *Identidade colectiva e contextos sócio-culturais da emigração micaelense*, Angra do Heroísmo, II Congresso das Comunidades Açorianas, 26 a 30 de Novembro de 1986.

<sup>19</sup> *Ibid.*

<sup>20</sup> Os elementos constantes desta análise encontram-se referenciados in: Rolando LIMA LALANDA GONÇALVES, *Eutopie, insularité et migrations. Contribution à l'analyse des processus socio-culturels dans un environnement insulaire*, Montpellier, Université Paul Valéry, Montpellier III (policopiado), tese de doutoramento 3.º ciclo, 1984, pp. 334 a 349.

Verificamos que as três personagens da imagem são identificadas com idades, sexos e profissões da família dos indivíduos interrogados, numa situação de viagem ou de emigração. É assim que ao perguntarmos o que vão fazer os elementos identificados a maioria dos adolescentes responde «emigrar», «viajar», «visitar parentes» ou «ir ter com familiares».

A situação é assim definida como expectativa, uma charneira entre um presente e um futuro. Percepcionada como desagradável, pois implica uma ruptura com a realidade conhecida e com os amigos, esta situação só aparece valorizada nos casos em que o adolescente projecta a viagem como meio de ir ao encontro de familiares emigrados. Aqui reside a ambivalência e a tensão provocada pela situação apresentada, onde a ruptura com um espaço afectivo implica a sua rejeição na irrealidade. Grande parte dos indivíduos interrogados afirma assim nunca ter visto ninguém da sua família naquela situação<sup>21</sup>.

Para melhor compreender este fenómeno apresentámos uma segunda figura com apenas dois elementos: uma criança a apontar um avião. A questão preliminar indaga a proveniência e o destino do avião. A maioria das respostas indica a América e Lisboa, para ambos os casos.

Dado que viajar implica uma ruptura com os quadros afectivos, a resolução desta situação imaginária leva a que a seguir o adolescente responda que gostaria de levar consigo o círculo de relações fundamentais: os pais e os amigos<sup>22</sup>. Assim, se por um lado o adolescente se encontra numa situação de frustração em relação à possibilidade da viagem, a condição fundamental para a sua realização, encontra-se por outro lado ligado à continuidade das rela-

<sup>21</sup> Cf. quadros anexos n.ºs 6-I e II e 7.

<sup>22</sup> Cf. quadro anexo n.º 8.

ções que para si constituem factores de segurança e de estabilidade.

É neste prolongar do espaço insular pela ruptura comportamental da viagem, em direcção a espaços «familiares» pela presença de comunidades de acolhimento, que se descobre a estrutura da eutopia<sup>23</sup> como prolongamento de um espaço considerado limitado e exíguo. Nessa dimensão de enraizamento contextual selectivo e valorativo se compreende a atracção, por parte dos jovens interrogados, pela profissão de piloto de aviões: a necessidade de adquirir um novo espaço de liberdade aparece como directamente ligada à função mediática de relação com o exterior.

Atendendo ao facto de a comunicação com o exterior se fazer através de um conjunto de mensagens filtradas pelos diferentes *emissores*, pretendemos conhecer quais os elementos considerados ideais na transmissão para o exterior do viver local. Para tal pedimos aos adolescentes interrogados que escrevessem uma carta a um parente emigrado.

A análise de conteúdo do conjunto dos textos assim produzidos permite mostrar a importância dada ao quotidiano e à vida local, ao mesmo tempo que os seus autores pedem para que esses parentes emigrados visitem a ilha, ou lhes descrevam a sua vida no estrangeiro.

Ao contrário dos elementos do espaço exterior focalizados difusamente em nomes de algumas cidades, a estrutura de conhecimento da ilha parece um dado adquirido: é manifesta tanto pela diversidade de localidades conhecidas<sup>24</sup>, como pela imagem nítida de um espaço fechado, *contorno* que aparece descrito correctamente pela maioria dos indivíduos interrogados. Por isso, o espaço insular

<sup>23</sup> Rolando LIMA LALANDA GONÇALVES, «Eutopia e emigração. Abordagem micro-sociológica na freguesia da Ribeira Quente, S. Miguel», in *Arquipélago*, Série Ciências Sociais, vol. VIII, n.º 1, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1986, pp. 107 a 132.

<sup>24</sup> Cf. quadro anexo n.º 9.

torna-se mais indiferenciado, sem pólos de atracção que permitam a realização de determinadas aspirações.

Havíamos já demonstrado em que medida, na freguesia da Ribeira Quente, a emigração é encarada como fazendo parte da realização dos valores da solidariedade familiar e como esta, apesar de ruptura comportamental em termos espaciais, se integra num *continuum* onde a saída da terra é compensada pelo acolhimento numa comunidade exterior, ela mesma «familiar».

A emigração é, assim, perfeitamente integrada no quotidiano da ilha de S. Miguel. Para melhor verificar esta hipótese, e apenas com o objectivo de estabelecer alguns pontos significativos, apresentámos o tema 2 do questionário a crianças de uma turma do ciclo preparatório de Lisboa onde se verificava também uma dominância da classe média<sup>25</sup>.

No que diz respeito à identificação das personagens verifica-se, tal como nos adolescentes insulares, uma correspondência com membros dos respectivos agregados familiares. Também se detecta uma semelhança bastante grande no tocante à identificação da situação, havendo contudo um maior pendor para considerar a pobreza como causa principal da emigração ou da saída de casa. Esta é sem dúvida a grande diferença, entre insulares e continentais, na identificação das causas que estão na origem da situação descrita na primeira figura. Já não aparece como causa fundamental a viagem para ir ao encontro de familiares, como no caso dos adolescentes micaelenses, e a situação surge muito mais dramatizada ao nível da esfera social: retorno à terra de origem, perda de emprego, etc.<sup>26</sup>.

Esta diferença é tanto mais significativa quanto existe homologia de resposta em relação às causas em que tal

<sup>25</sup> Cf. quadro anexo n.º 10.

<sup>26</sup> Cf. quadro anexo n.º 11-I e n.º 11-II.

situação poderia acontecer à sua própria família. Igualmente se patenteia nas respostas o medo da partida motivado pela ruptura dos círculos de amizade<sup>27</sup>.

Também a familiaridade de uma situação semelhante traduz o mesmo tipo de raciocínio dos adolescentes insulares<sup>28</sup>. Esta situação aparece no tocante aos comentários da segunda figura, onde a vontade de se fazer acompanhar de parentes e de amigos na hipotética viagem é a mesma. Não obstante, ao indicarem a proveniência e o destino do avião assim como o destino pretendido pelo adolescente interrogado, as respostas tornam-se mais diversificadas, manifestando um grau mais elevado de conhecimento do exterior. Aliás, enquanto os adolescentes insulares muitas vezes referem o país (excepção feita à cidade de Lisboa), os continentais referem muitas vezes nomes de cidades estrangeiras. Esta diferença é significativa, dado que ela mostra bem o grau de diversificação dos contactos na cidade, enquanto que numa ilha e numa cidade bem mais pequena estes são muito menos frequentes.

Nesta perspectiva, a importância dos contextos de enraizamento encontra-se ligada às estruturas situacionais globalmente percebidas. Assim, quisemos ver de que modo o espaço insular é percebido pelos adolescentes do continente. Para tal, alterámos o conjunto das primeiras perguntas do questionário realizado na ilha de São Miguel para adaptá-lo a esta finalidade.

No tocante à primeira questão («Gostarias de viver numa ilha?») as respostas dividem-se entre o sim e o não<sup>29</sup>. Os que afirmam gostar de viver numa ilha justificam pela presença do mar, ar puro, e calma. Os que declaram não gostar de viver numa ilha justificam tal opção pela solidão, pelo mar que impede toda e qualquer saída, pela

<sup>27</sup> Cf. quadros anexos n.ºs 11 e 12.

<sup>28</sup> Cf. quadro anexo n.º 13.

<sup>29</sup> Cf. quadro anexo n.º 14.

ausência de amigos e pelo facto de numa ilha não se poder conhecer o mundo. O medo de inundações provocadas pelo submergir da ilha e a falta de comida completam este conjunto de respostas<sup>30</sup>.

Como demonstrou A. Moles, a imagem da ilha é ambivalente na percepção feita pelos continentais. A partir de uma escala de diferenciação semântica verifica-se que a ilha aparece tanto como um refúgio de liberdade, como um lugar de desterro<sup>31</sup>. Esta ambivalência encontra-se presente na percepção feita pelos adolescentes continentais. Os coqueiros, o ar puro, os animais, o mar, as árvores e as flores, as praias e os banhos de mar evocam os tempos livres, o que se manifesta também na evocação dos espaços mais desejados pelos insulares na descrição do seu espaço insular. Esta necessidade de construção imaginária de espaços de liberdade é uma estrutura fundamental dos contextos de enraizamento. A ilha espaço exterior imaginário reflecte para o adolescente continental um espaço de liberdade, ao mesmo tempo que aparece como um lugar de separação.

Os desenhos de uma ilha feitos pelos adolescentes continentais indicando o lugar onde gostariam de viver traduzem a força do isolamento marítimo pelo exagero dos elementos colocados sobre a ilha. Situando os lugares mais aprazíveis junto ao mar os adolescentes reproduzem, sob o ponto de vista imaginário, a realidade insular, que se caracteriza geralmente por um habitat costeiro. Assim, enquanto a preocupação dos adolescentes insulares era de situar o lugar onde viviam num contorno definido perspectivado de cima para baixo, os adolescentes continentais,

<sup>30</sup> Cf. quadros anexos n.ºs 15 e 16.

<sup>31</sup> Cf. Abraham MOLES, *ob. cit.*, p. 53, e quadro anexo n.º 17 do presente artigo.

distanciando-se da realidade insular, perspectivam-na horizontalmente e situam o lugar ideal junto ao mar.

Verificamos, assim, a existência de vários níveis contextuais. A situação definida em relação ao indivíduo (nível psicológico) surge como angustiante pela ruptura com o círculo de amigos. A situação definida em relação a um grupo social (nível subcultural) aparece associada a grupos sociais pouco favorecidos que têm de abandonar a sua terra. E finalmente, a nível cultural, verifica-se que face à mesma situação o grupo de adolescentes insulares coloca muito mais ênfase no sair para ir ao encontro de familiares do que o grupo de adolescentes continentais, que reforça a ideia de uma ruptura de situação.

O conjunto dos dados apresentados mostra em que medida a estrutura de enraizamento contextual fornece elementos significativos para compreender a que nível aparece a conjugação de elementos específicos à estrutura ambiental insular e em que medida os contextos sociais particulares identificam as zonas problemáticas da vivência social. Define-se assim como dimensão fundamental do espaço insular o isolamento por mar e a exiguidade territorial associada à homogeneidade das oportunidades esperadas. Deste modo, podemos alargar a análise ao conjunto da ilha e tentar compreender em que enquadramento se desenvolve o processo emigratório e qual a importância deste tipo de relações mediáticas com o exterior na estruturação do *etnotipo*<sup>32</sup> insular micaelense.

### 3. *Dominantes do processo emigratório da ilha de S. Miguel*

Para estudar as dominantes do processo emigratório da ilha de São Miguel elaborámos uma amostra, de 400

<sup>32</sup> Cf. Guy MICHAUD, «L'ethnotype comme système de significations», in *Identités collectives et relations inter-culturelles*, Paris, P. U. F., Éditions Complexe, 1978, p. 32.

peçoas, representativa da população maior de 18 anos e construída por estratificação por lugar de residência e por quotas no tocante às variáveis idade, sexo, nível de estudos, categoria sócio-profissional. A margem de erro escolhida foi de 1%; contudo, atendendo aos dados estatísticos disponíveis aquando da elaboração deste inquérito (1983), esta margem de erro encontra-se subvalorizada no tocante a algumas variáveis. Por isso os resultados deste inquérito têm um valor indicativo das grandes tendências existentes no momento da sua execução e devem constituir uma base de trabalho para futuras investigações que se debrucem sobre a realidade emigratória.

No conjunto das questões formuladas aparecem três grandes vectores. O primeiro caracteriza a população que deseja emigrar num futuro próximo. O segundo analisa os factores presentes na decisão de emigrar, onde assumem particular destaque as relações entre comunidades emigradas e as residentes na ilha. Finalmente, o terceiro vector sistematiza as motivações objectivadas subjacentes às diferentes atitudes migratórias<sup>33</sup>.

A pergunta «Pretende emigrar num futuro próximo?» 19% do total dos entrevistados afirmam que sim. Este resultado permite estimar que cerca de 25 000 pessoas pretendem emigrar, num futuro próximo, da ilha de S. Miguel. Tal facto é tanto mais significativo quanto em 1983 emigraram apenas 1 195 pessoas, o que legitima um dado que há muito se considera válido: *o número de emigrantes legais da Região Autónoma não corresponde ao número de pessoas que efectivamente querem emigrar*. Para tal basta considerar a importância da política de imigração

<sup>33</sup> O texto que se segue é uma adaptação de parte da comunicação proferida no II Congresso das Comunidades Açorianas subordinada ao título *Identidade colectiva e contextos sócio-culturais da emigração micaelense*, Angra do Heroísmo, 26 a 30 de Nov. de 1986.

dos Estados Unidos da América e Canadá na determinação dos contingentes emigratórios nos últimos vinte anos<sup>34</sup>.

Dentro deste contexto, poderemos falar numa emigração potencial que cria uma frustração relativa<sup>35</sup> nas comunidades residentes, sendo este factor psico-sociológico determinante na formação de atitudes sócio-culturais face ao sistema local e na criação de imagens dos países de emigração como espaços de realização de valores locais.

Este facto não atinge o total da população mas abrange um estrato jovem, dado que 52,7% dos entrevistados que pretendem emigrar se situam no escalão de 20 a 39 anos, predominantemente casados, com habilitações literárias do ensino primário, provindos de famílias de dois a quatro elementos, de lugares de 2 000 a 5 000 pessoas e dos sectores económicos primário e terciário.

Ao analisarmos as relações entre estes candidatos à emigração e as comunidades emigradas verificamos que 53,9% dos entrevistados nunca tinham saído da ilha e que 46,1% o tinham feito pelo menos uma vez dirigindo-se sobretudo para outras ilhas dos Açores, para Portugal Continental, E. U. A. e Canadá.

Quanto aos motivos que estiveram na origem destas saídas destacam-se, relativamente às saídas para o Canadá e E. U. A., a visita a familiares; para Portugal Continental, o cumprimento do serviço militar e o gozo de férias; para as outras ilhas dos Açores, também gozo de férias e as viagens de trabalho.

A importância das relações familiares entre os residentes na ilha e as comunidades emigradas leva-nos directamente ao principal fenómeno de *feed-back* da emigração enquanto processo social: as relações de parentesco inter-comunitárias.

<sup>34</sup> Nomeadamente após a erupção do vulcão dos Capelinhos em 1957 e após o sismo de 1 de Janeiro de 1980.

<sup>35</sup> Cf. Raymond BOUDON, *Effets pervers et ordre social*, Paris, P. U. F., 1977, pp. 131 a 158.

Com efeito, todos aqueles que afirmam desejar emigrar têm pelo menos um parente emigrado. Os graus de parentesco dominantes estão correlacionados com a idade. Assim, nos grupos etários mais jovens predominam os pais, os irmãos, os primos, os tios e os avós, enquanto nos grupos etários mais idosos predominam os filhos.

Este facto indicia o grau de proximidade, no quadro das relações familiares, existente entre famílias emigradas e as famílias residentes no arquipélago. Esta estrutura proxémica, cujos efeitos ainda não estão plenamente estudados, tem uma importância capital na estruturação da percepção do espaço exterior bem como no desenvolvimento dos processos de identificação colectiva face ao exterior.

Um dos âmbitos onde se verifica uma maior pregnância de tal estrutura proxémica familiar é sem dúvida o das motivações subjacentes à emigração. Independentemente do escalão etário, as motivações dominantes são a melhoria da situação sócio-económica e a vontade de se juntar ao resto da família. Tal facto é tanto mais significativo quanto na análise anterior o mesmo se encontrava evidenciado pelos adolescentes entrevistados. Por isso podemos afirmar que os contextos de enraizamento, pela sua pregnância, permitem a identificação de situações, produzidas e partilhadas no seio de uma comunidade, e pelo significado veiculado encontram-se imersos na natureza dos próprios processos de identificação colectiva.

#### 4. O processo emigratório como dimensão de identidade colectiva

Poderíamos afirmar que tudo se passa como se o espaço interno demasiado exíguo e homogéneo levasse a sociedade a projectar no exterior um sistema de referências-guia que lhe permite situar-se em termos sociais e culturais.

Augustin Berque afirma que «... em todas as sociedades existem certas relações de analogia entre os seus diferentes aspectos, relações estas que fundam a identidade dessa mesma sociedade»<sup>36</sup>. Ao pormos em evidência a constituição deste campo referencial exterior encontramos uma das principais dimensões de um sistema sócio-cultural, manifesta no papel de écran extremamente selectivo que este institui entre o homem e o mundo exterior, definindo campos de atenção e campos de ignorância.

Para a comunidade emigrada o confronto entre o modelo sócio-cultural original ou o originário e os modelos existentes nos países de emigração resulta numa lógica conservadora, num regime tradicionalista, onde se procura manter um referencial de contacto com o mundo que se deixou<sup>37</sup>. Os conceitos de saudade, de apartamento, de exílio ou de valorização das origens ajudam a manter este novo *locus* em permanente confronto com uma realidade cultural dominante absorvente e integradora. Este equilíbrio vai-se deteriorando à medida que as gerações se sucedem, sendo cada vez mais difícil manter a compatibilidade entre valores e modelos comportamentais originários e do novo quadro de relações.

Para a comunidade residente na ilha o confronto entre a realidade exterior e os modelos comportamentais e valores locais encontra-se filtrado pela função mediática exercida pelos emigrantes retornados temporariamente à ilha e pelas cartas e comunicações mantidas durante os períodos de estadia dos seus familiares nos diferentes espaços de emigração.

<sup>36</sup> Augustin BERQUE, *Vivre l'espace au Japon*, Paris, P.U.F., 1982, p. 15.

<sup>37</sup> Cf. James ADLER, *Ethnic minorities in Cambridge: the portuguese*, Cambridge, Massachusetts Planning and Development Department, 1972.

Esta dupla realidade insere-se nos processos de identificação colectiva, pois é através de imagens, de símbolos, de configurações e de representações que uma comunidade se produz, se reconhece e se faz identificar por outros.

J. Berque salientou, por isso, a importância da ideia de significação no estudo da identidade colectiva e desejou o aparecimento de uma semântica social. Com efeito, o sistema cultural estrutura-se a dois níveis diferenciados: o nível energético, materializado pelas técnicas e pela praxis, e o nível informacional, onde se produzem e se trocam mensagens alimentadas pelos dados concretos fornecidos pelo ambiente natural e social. Existe assim uma passagem contínua, a que Jacques Berque chama *convertibilidade*. Esta reside na constatação de que o acto social consiste precisamente em conversões do facto em signo, da quantidade em qualidade, dos conteúdos em formas e reciprocamente, e que a identidade colectiva é exactamente o horizonte no qual se exerce essa convertibilidade<sup>38</sup>.

Desde logo podemos afirmar que, numa situação de isolamento marítimo, num espaço concentrado e exíguo, os sistemas sociais tendem a produzir um amplo conjunto de *withinputs* que contribuem para a conservação de uma enorme massa de informações e de comportamentos típicos significantes: tradições, arcaísmos linguísticos, modelos comportamentais<sup>39</sup>. A *convertibilidade* exercida num contexto de variantes limitadas, como se caracteriza o ambiente insular, produz um aumento relativo da importância dos

<sup>38</sup> Jacques BERQUE, «Qu'est-ce qu'une identité collective?», in *Mélanges offerts à Lévi-Strauss*, pp. 485-486, citado por Guy MICHAUD, *ob. cit.*, p. 28.

<sup>39</sup> Ver a este propósito: José ALMEIDA PAVÃO, *Aspectos populares micaelenses no povoamento e na linguagem*, Ponta Delgada, Tipografia do Diário dos Açores, 1977; A. M. MACHADO PIRES, «A identidade cultural dos Açores», in *Arquipélago*, Série Línguas e Literaturas, vol. IX, 1987, pp. 155 a 166.

modelos-guia, *inputs* provindos do exterior, ainda mais se estes aparecerem socialmente como realizadores de valores locais.

Assim, como já foi demonstrado, certas elites tendem a procurar no exterior, pela função mediática, a garantia de se proceder à integração de novos modelos e condutas que permitam manter, no sistema de acção local, a compatibilidade com o exterior, e logo a sua permanência no poder. Paralelamente a este processo, a emigração, através dos fenómenos de retroacção, reforça esta mesma dimensão mediática atribuindo ao acto de emigrar, em certos contextos de enraizamento, uma dimensão concretizadora de valores locais: solidariedade familiar, religiosidade, interajuda, e trabalho devidamente recompensado, ao mesmo tempo que permite a introdução de novos conceitos na compreensão do mundo envolvente.

Esta projecção para fora das fronteiras naturalmente limitadas do espaço insular não se desenvolve apenas num domínio imaginário mas no concreto das relações deste sistema insular com o exterior. Tal como a valorização do exterior como modelo, predominantemente utilizada por elites, a valorização dos espaços de emigração como situação local idealizada manifesta uma abertura necessária à criação de um sistema de coordenadas que permitem situar a comunidade insular no contexto mais vasto das relações interculturais.

### Conclusão

Ao centrar a nossa análise sobre a relação existente entre processo emigratório e processo de identificação colectiva em meio insular demonstrámos até que ponto, atendendo às características topológicas específicas da insularidade — distância, exiguidade territorial, isolamento marítimo e predominância relativa de *withinputs* culturais — se verifica uma amplificação da função mediática nas

relações interculturais com o exterior da ilha<sup>40</sup>. Tal facto caracteriza um dos aspectos fundamentais do desenvolvimento cultural insular e marca, por isso, uma das dimensões dos processos de identificação colectiva, onde a função de filtro e de *écran* do *etnotipo* local se encontra bastante reforçada.

Nesta perspectiva, e como conclusão provisória, poderíamos colocar a seguinte hipótese: uma das características mais notáveis dos diferentes *etnotipos* insulares seria a própria ultrapassagem das barreiras típicas provocadas pela insularidade, graças à representação do espaço exterior como susceptível de realizar os valores locais, ao mesmo tempo que desenvolve um sistema de coordenadas sócio-culturais essenciais aos processos de identificação colectiva.

Colocando esta questão no âmbito global do arquipélago açoriano verifica-se que estas mesmas condicionantes estruturais colocam não só o problema da identificação colectiva face ao exterior, mas também o da identificação dos elementos significativos de diferenciação interna e a sua respectiva consciencialização. A dispersão insular contribui assim para que as diferentes elites de cada ilha vejam na homologia de situações face ao exterior (Portugal Continental, E.U.A. e Canadá) um campo aberto para a unidade regional. No entanto, não é nesta homologia que se funda a identidade açoriana mas na consciência real de um *nós* que é tanto mais difícil de atingir quanto a pregnância do contorno insular é dentro deste contexto bastante diferenciada.

A identidade colectiva insular residiria, portanto, não somente na estruturação de um sistema particular de traços

<sup>40</sup> Cf. J. P. RAISON, *Perception et réalisation de l'espace dans la société Merina* in Françoise PAUL-LEVY e Marion SEGAUD, *Anthropologie de l'espace*, Paris, Centre Georges Pompidou, 1984, p. 205. Neste trabalho J. P. Raison afirma um dos aspectos fundamentais da análise antropológica: «é, em última instância, o sistema de parentesco que determina a ligação a um determinado lugar».

culturais específicos<sup>41</sup>, mas também na consciencialização de elementos exteriores advindos dos múltiplos contactos, necessariamente mediáticos, que se desenvolvem em todo e qualquer sistema social insular.

Como sociedade extro-determinada quanto à sua fundação, mantendo com Portugal Continental importantes laços culturais, sociais, políticos e económicos — estruturados e instituídos mediaticamente — o sistema societal açoriano, nos seus múltiplos contextos de enraizamento, recebe desde há cerca de quarenta anos novos *inputs* externos, tanto pelo desenvolvimento dos meios de comunicação (rádio, telefone e correios), como também e sobretudo, nos últimos doze anos, pela televisão.

O impacto destes novos meios, cuja amplitude ainda se desconhece por ausência de investigação apropriada, coloca e reforça a importância da função mediática dando-lhe uma nova dimensão. Assistimos, de facto, à introdução na esfera cultural de uma certa ubiquidade imaginária, que cedo ou tarde provocará novos processos de identificação colectiva face ao exterior no complexo jogo de imagens que cria e suscita.

Ao analisarmos os contextos de enraizamento numa população de um escalão etário em plena fase de socialização e de estruturação da personalidade podemos constatar a importância das imagens ligadas aos contextos vivenciais. Estes, hoje em dia, sujeitos a um maior número de estímulos diferenciados, e, logo, mais ricos, colocam um novo problema à investigação sociológica: o dos fenómenos de emulsão, de integração, de desintegração, e de ressonância, que a todo o momento modificam os con-

<sup>41</sup> Cf. Luís Ribeiro, «A formação histórica do povo açoriano», in *Açoreana*, vol. II, 1950.

tornos *gestalts* e, até mesmo, quase que alteram a substância das identidades<sup>42</sup>.

A diversidade e variedade de sistemas sócio-culturais insulares não é, pois, uma prova da ausência de facto insular no domínio sócio-cultural, mas sim um convite para a sistematização, numa abordagem pluridisciplinar, dos conhecimentos sobre as diferentes realidades insulares.

<sup>42</sup> Jacques BERQUE, *ob. cit.*, p. 18.

QUADRO ANEXO N.º 1

Aspirações profissionais dos adolescentes da freguesia da Ribeira Quente, S. Miguel, Açores (5.º e 6.º ano de escolaridade)

Sexo masculino	Efectivos	%	Sexo feminino	Efectivos	%
Jogador de futebol	6	37,50	Actriz/Cantora	7	41,20
Piloto de aviões	3	18,75	Professora	5	29,40
Pescador	3	18,75	Catequista	2	11,80
Professor	1	6,25	Jornalista TV	1	5,90
Médico	1	6,25	Costureira	1	5,90
Padre	1	6,25	Médica	1	5,90
Agricultor	1	6,25			
Total	16	100		17	100

QUADRO ANEXO N.º 2

Categoria sócio-profissional do pai, da mãe e do avô dos adolescentes de uma turma do ciclo preparatório da freguesia de S. José, Ponta Delgada, Açores

Categoria sócio-profissional	Pai	%	Mãe	%	Avô	%
0 - Agricultores	1	4,3	0	0,0	1	4,3
1 - Assalariados agrícolas	0	0,0	0	0,0	0	0,0
2 - Patrões da indústria e comércio	0	0,0	0	0,0	4	17,4
3 - Quadros superiores e prof. liberais	2	8,7	0	0,0	0	0,0
4 - Quadros médios	11	47,8	11	47,8	1	4,3
5 - Empregados	5	21,7	4	14,7	1	4,3
6 - Operários	3	11,1	0	4,3	1	4,3
7 - Pessoal de serviço	0	0,0	0	0,0	0	0,0
8 - Outras categorias de activos	1	4,3	0	0,0	15	0,0
9 - Pessoas não activas	0	0,0	8	34,8	23	0,0
N. R.	0	0,0	0	0,0	0	65,2
Total	23	100	23	100	0	100

QUADRO ANEXO N.º 3-I

Respostas à questão «Gostas de viver na tua freguesia?»

<i>Resposta</i>	<i>Efectivos</i>	<i>%</i>
Sim	19	82,6
Não	3	13,0
Mais ou menos	1	4,3
Total	23	100

QUADRO ANEXO N.º 3-II

Justificação da resposta anterior

<i>Resposta</i>	<i>Efectivos</i>	<i>%</i>
Por causa de:		
a) Aspectos da sociabilidade:	9	39,1
— círculo de amigos: 3		
— jogos : 2		
— círculo familiar : 4		
b) Aspectos ligados ao espaço:	11	47,8
— movimento nas ruas: 1		
— restaurantes : 1		
— ar puro : 1		
— comércio : 1		
— praia : 2		
— jardins : 1		
— campos : 1		
— casas próximas : 1		
— piscina pública : 2		
c) não respondem	3	4,3
Total	23	100

Nota: O número de respostas é superior a 19 dado o facto de se permitir respostas múltiplas.

QUADRO ANEXO N.º 4

Resposta à questão «Qual seria a profissão que gostarias de exercer quando deixares de estudar?»

<i>Resposta</i>	<i>Efectivos</i>	<i>%</i>
Piloto de aviões	12	52,1
Médico Pediatra	3	13,0
Funcionário da TAP/SATA	2	8,7
Escritor	1	4,3
Veterinário	1	4,3
Padre	1	4,3
Electricista	1	4,3
Técnico de frio	1	4,3
Professor de dança	1	4,3
Total	23	100

QUADRO ANEXO N.º 5-I

Resposta à questão «Gostarias de emigrar?»

<i>Resposta</i>	<i>Efectivos</i>	<i>%</i>
Sim	14	60,9
Não	9	39,1
Total	23	100

QUADRO ANEXO N.º 5-II  
Justificação da resposta afirmativa à questão precedente

<i>Resposta</i>	<i>Efectivos</i>	<i>%</i>
Factores cognitivos:	6	42,9
— conhecer outros lugares : 4		
— para estudar : 1		
— para viver como se vive no estrangeiro: 1		
Factores afectivos:	8	57,1
— juntar-se à família : 3		
— depois de me casar : 1		
— bom ambiente : 1		
— porque gosto de viajar : 2		
— viver uma vida nova : 1		
Total	14	100

QUADRO ANEXO N.º 6-I  
Resposta à questão «Estão satisfeitos?»  
(relativa aos personagens desenhados em situação de partida)

<i>Respostas</i>	<i>Frequências</i>	<i>%</i>
Não	5	21,7
Sim	18	78,3
Total	23	100

QUADRO ANEXO N.º 6-II  
Justificação para a resposta negativa dada à questão anterior

<i>Respostas</i>	<i>Frequências</i>	<i>%</i>
Porque:		
— preferem o seu país	6	33,3
— vão perder os seus amigos	2	11,1
— perderam o seu emprego	2	11,1
— perderam o avião	2	11,1
— deixaram a sua casa	2	11,1
— não sabem o que fazer	1	5,5
— estão tristes	1	5,5
— estão inquietos	1	5,5
Total	18	100

QUADRO ANEXO N.º 7  
Resposta à questão «Já viste algum elemento da tua família numa situação semelhante à descrita no desenho?»

<i>Respostas</i>	<i>Frequências</i>	<i>%</i>
Sim	6	26,1
Não	13	56,1
Não responderam	4	17,4
Total	23	100

## QUADRO ANEXO N.º 8

Resposta à questão «Se pudesses convidar alguém para viajar contigo de avião quem é que escolherias?»

<i>Respostas</i>	<i>Frequência</i>
Os meus pais	6
Os meus amigos	4
Os pais e os irmãos	4
A minha família	5
Os meus tios e as minhas tias	2
Os meus primos e as minhas primas	2
Os meus avós, os meus pais e a minha noiva	1
Total	23

## QUADRO ANEXO N.º 9

Resposta à questão «Quais são as freguesias e cidades que conheces na ilha de S. Miguel?»

<i>Respostas</i>	<i>Frequências</i>	<i>% relativa ao total de inquiridos</i>
Ribeira Grande	9	39,1
Nordeste	8	34,8
Vila Franca	8	34,8
Furnas	7	30,4
«todas»	5	21,7
Mosteiros	4	17,4
Fajã de Baixo	3	13,0
Fajã de Cima	3	13,0
Sete Cidades	3	13,0
Capelas	3	13,0
Rabo de Peixe	3	13,0
Arrifes	3	13,0
Lagoa	2	8,7
Livramento	1	4,3
Relva	1	4,3
Ginetes	1	4,3
São Roque	1	4,3
Povoação	1	4,3
Porto Formoso	1	4,3
Ribeira Chã	1	4,3
Santa Clara	1	4,3

Nota: O total é superior a 23 dado ser possível a resposta múltipla.

## QUADRO ANEXO N.º 10

Profissões dos pais dos adolescentes de uma turma do ciclo preparatório da cidade de Lisboa

<i>Categoria sócio-profissional</i>	<i>Pai</i>	<i>%</i>	<i>Mãe</i>	<i>%</i>
0 - Agricultores	0	0,0	0	0,0
1 - Assalariados agrícolas	0	0,0	0	0,0
2 - Patrões da indústria e comércio	1	3,7	0	0,0
3 - Quadros superiores e profissões liberais	0	0,0	0	0,0
4 - Quadros médios	4	14,8	2	7,4
5 - Empregados	9	33,3	9	33,3
6 - Operários	3	11,1	0	0,0
7 - Pessoal de serviços	0	0,0	2	7,4
8 - Outras categorias de activos	9	33,3	0	0,0
9 - Pessoas não activas	0	0,0	13	48,1
Não responderam		14,8	1	3,1
Total	27	100	27	100

## QUADRO ANEXO N.º 11-I

Resposta à questão «Estão satisfeitos?»  
(relativa aos personagens desenhados em situação de partida)

<i>Respostas</i>	<i>Frequências</i>	<i>%</i>
Sim	0	0,0
Não	27	100
Total	27	100

QUADRO ANEXO N.º 11-II

Justificação dada à resposta anterior

<i>Respostas</i>	<i>Frequências</i>
Porque:	
— não têm dinheiro	4
— parecem tristes	3
— o autocarro não chega	3
— vão deixar a terra que amam	2
— vão viajar	2
— é difícil abandonar a terra onde se vive	2
— não havia comida para almoçar	1
— não encontraram o que queriam	1
— a mulher partiu uma perna	1
— não se realizou o seu desejo	1
— não têm uma casa para dormir	1
— não gostam do país para onde vão	1
— um dos elementos está doente	1
— foram expulsos da sua casa	1
— estão há mais de um ano desempregados	1
— eles esperam	1
— não é agradável estar sempre a viajar	1
<b>Total</b>	<b>27</b>

QUADRO ANEXO N.º 12

Resposta à questão «Quem é que tu convidarias para te acompanhar numa viagem de avião?»

<i>Resposta</i>	<i>Frequências</i>	<i>%</i>
Os meus amigos	7	25,9
Os meus pais	6	22,2
Os meus pais e os meus irmãos	4	14,8
Os meus pais e os meus amigos	3	11,1
Os meus irmãos e os meus amigos	2	7,4
A minha mãe	1	3,7
Os meus avós, os meus pais e os meus tios e primos	1	3,7
«ninguém»	1	3,7
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>100</b>

QUADRO ANEXO N.º 13

Resposta à questão «Já viste algum elemento da tua família numa situação semelhante à descrita no desenho?»

<i>Respostas</i>	<i>Frequências</i>	<i>%</i>
Sim	6	22,2
Não	18	66,6
Às vezes	1	3,7
Não responderam	2	7,4
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>100</b>

QUADRO ANEXO N.º 14

Resposta à questão «Gostarias de viver numa ilha?»

<i>Sexo</i>	<i>Sim</i>	<i>%</i>	<i>Não</i>	<i>%</i>	<i>Talvez</i>	<i>%</i>
Masculino	10	58,8	5	29,4	2	11,8
Feminino	3	30,0	7	70,0	0	0,0
<b>Total</b>	<b>13</b>	<b>48,3</b>	<b>12</b>	<b>44,4</b>	<b>2</b>	<b>7,4</b>

